

primeiras relações intersubjetivas reais e fantasísticas com o meio familiar.

■ O conceito de *imago* deve-se a Jung (*Metamorfoses e símbolos da libido* [*Wandlungen und Symbole der Libido*, 1911]), que descreve a imago materna, paterna, fraterna.

A imago e o complexo são noções próximas; relacionam-se ambas com o mesmo domínio, as relações da criança com o seu meio familiar e social. Mas o complexo designa o efeito sobre o sujeito da situação interpessoal no seu conjunto; a imago designa uma sobrevivência imaginária deste ou daquele participante dessa situação.

Define-se muitas vezes a imago como "representação inconsciente"; mas deve-se ver nela, em vez de uma imagem, um esquema imaginário adquirido, um clichê estático através do qual o sujeito visa o outro. A imago pode portanto objetivar-se tanto em sentimentos e comportamentos como em imagens. Acrescente-se que ela não deve ser entendida como um reflexo do real, mesmo que mais ou menos deformado; é assim que a imago de um pai terrível pode muito bem corresponder a um pai real apagado.

INCONSCIENTE (subst. e adj.)

= D.: das Unbewusste, unbewusst. — F.: inconscient. — En.: uncounscious.
— Es.: inconsciente. — I.: inconscio.

● **A) O adjetivo inconsciente é por vezes usado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência, isto num sentido "descritivo" e não "tópico", quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente.**

B) No sentido "tópico", inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente* pela ação do recalque* (recalque originário* e recalque a posteriori [ver: a posteriori]).

Podemos resumir do seguinte modo as características essenciais do inconsciente como sistema (ou Ics):

a) Os seus "conteúdos" são "representantes*" das pulsões;

b) Estes "conteúdos" são regidos pelos mecanismos específicos do processo primário*, principalmente a condensação* e o deslocamento*;

c) Fortemente investidos pela energia pulsional, procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalçado*); mas só podem ter acesso ao sistema Pcs-Cs nas formações de compromisso*, depois de terem sido submetidos às deformações da censura*.

d) São, mais especialmente, desejos da infância que conhecem uma fixação* no inconsciente.

INCONSCIENTE (subst. e adj.)

A abreviatura *Ics* (*Ubw* do alemão *Unbewusste*) designa o inconsciente sob a sua forma substantiva como sistema; *ics* (*ubw*) é a abreviatura do adjetivo inconsciente (*unbewusst*) enquanto qualifica em sentido estrito os conteúdos do referido sistema.

C) No quadro da segunda tópica freudiana, o termo inconsciente é usado sobretudo na sua forma adjetiva; efetivamente, inconsciente deixa de ser o que é próprio de uma instância especial, visto que qualifica o *id* e, em parte, o *ego* e o *superego*. Mas convém notar:

a) As características atribuídas ao sistema *Ics* na primeira tópica são de um modo geral atribuídas ao *Id* na segunda;

b) A diferença entre o pré-consciente e o inconsciente, embora já não esteja baseada numa distinção intersistêmica, persiste como distinção intra-sistêmica (o *ego* e o *superego* são em parte pré-conscientes e em parte inconscientes).

■ Se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, seria incontestavelmente na palavra inconsciente. Por isso, nos limites da presente obra, não pretendemos historiar esta descoberta nos seus antecedentes pré-freudianos, na sua gênese e nas suas elaborações sucessivas em Freud. Vamos limitar-nos, num desejo de clarificação, a sublinhar alguns traços essenciais que a própria difusão do termo tem freqüentemente apagado.

1. O inconsciente freudiano é, em primeiro lugar, indissolivelmente uma noção *tópica** e *dinâmica**, que brotou da experiência do tratamento. Este mostrou que o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos "conteúdos" só se tornam acessíveis à consciência depois de superadas certas resistências; revelou que a vida psíquica era "... cheia de pensamentos eficientes embora inconscientes, e que era destes que emanavam os sintomas" (1); levou a supor a existência de "grupos psíquicos separados" e, de modo mais geral, a admitir o inconsciente como um "lugar psíquico" particular que deve ser concebido não como uma segunda consciência, mas como um sistema que possui conteúdos, mecanismos e, talvez, uma "energia" específica.

2. Quais serão esses conteúdos?

a) No artigo *O inconsciente* (*Das Unbewusste*, 1915), Freud denominou "representantes da pulsão". Com efeito, a pulsão, na fronteira entre o somático e o psíquico, está aquém da oposição entre consciente e inconsciente; por um lado, nunca se pode tornar objeto da consciência e, por outro, só está presente no inconsciente pelos seus representantes, essencialmente o "representante-representação"*. Acrescente-se que um dos primeiros modelos teóricos freudianos define o aparelho psíquico como sucessão de inscrições (*Niederschriften*) de sinais (2), idéia retomada e discutida nos textos ulteriores. As representações inconscientes são dispostas em fantasias, histórias imaginárias em que a pulsão se fixa e que podemos conceber como verdadeiras encenações do desejo* (*ver.*: fantasia).

b) A maior parte dos textos freudianos anteriores à segunda tópica assimilam o inconsciente ao recalcado. Note-se, todavia, que esta assimi-

lação não deixa de ter restrições; vários textos reservam lugar para conteúdos não adquiridos pelo indivíduo, filogenéticos, que constituiriam o "núcleo do inconsciente" (3a).

Essa idéia completa-se na noção de fantasias originárias* como esquemas pré-individuais que vêm informar as experiências sexuais infantis do sujeito (α).

c) Outra assimilação classicamente reconhecida é a do inconsciente ao *infantil* em nós, mas também aqui se impõe uma reserva. Nem todas as experiências infantis estão destinadas, na medida em que seriam naturalmente vividas segundo o modo daquilo a que a fenomenologia chama consciência irreflexiva, a se confundirem com o inconsciente do sujeito. Para Freud, é pela ação do *recalque* infantil que se opera a primeira clivagem entre o inconsciente e o sistema Pcs-Cs. O inconsciente freudiano é *constituído* — apesar de o primeiro tempo do recalque originário poder ser considerado mítico; não é uma vivência indiferenciada.

3. Sabe-se que o sonho foi para Freud o caminho por excelência da descoberta do inconsciente. Os mecanismos (deslocamento, condensação, simbolismo) evidenciados no sonho em *A interpretação de sonhos* (*Die Traumdeutung*, 1900) e constitutivos do *processo primário* são reencontrados em outras formações do inconsciente (atos falhos, lapsos, etc.), equivalentes aos sintomas pela sua estrutura de compromisso e pela sua função de "realização de desejo"*.

Quando Freud procura definir o inconsciente como sistema, resume assim as suas características específicas (3b): processo primário (mobilidade dos investimentos, característica da energia livre*); ausência de negação, de dúvida, de grau de certeza; indiferença perante a realidade e regulação exclusivamente pelo princípio de desprazer-prazer (visando este restabelecer pelo caminho mais curto a identidade de percepção*).

4. Freud procurou finalmente fundamentar a coesão própria do sistema Ics e a sua distinção radical do sistema Pcs através da noção econômica de uma "energia de investimento" própria de cada um dos sistemas. A energia inconsciente aplicar-se-ia a representações por ela investidas ou desinvestidas, e a passagem de um elemento de um sistema para o outro produzir-se-ia por desinvestimento por parte do primeiro e reinvestimento pelo segundo.

Mas esta energia inconsciente — e esta é uma dificuldade da concepção freudiana — ora aparece como uma força de atração exercida sobre representações e resistente à tomada de consciência (é o que acontece na teoria do recalque, onde a atração pelos elementos já recalcados vem colaborar com a repressão do sistema superior) (4), ora como uma força que tende a fazer emergir os seus "derivados"* na consciência e só seria contida graças à vigilância da censura (3c).

5. As considerações tópicas não devem fazer-nos perder de vista o valor dinâmico do inconsciente freudiano, que o seu autor tantas vezes sublinhou; devemos, pelo contrário, ver nas distinções tópicas o meio de explicar o conflito, a repetição e as resistências.

A denominação "prazer de órgão" é sobretudo utilizada por Freud quando tenta aprofundar as suas hipóteses quanto à origem e natureza da sexualidade* no sentido que a psicanálise lhe conferiu, alargando-a para muito além da função genital. O momento de emergência da sexualidade é procurado na chamada fase auto-erótica*, caracterizada por um funcionamento independente de cada pulsão parcial.

No lactente, o prazer propriamente sexual desliga-se da função em que de início se apoiava (*ver*: apoio) e de que era "produto marginal" (*Nebenprodukt*) para ser procurado por si mesmo: o ato de chupar, por exemplo, procura apaziguar uma tensão da zona erógena buco-labial, para além de qualquer necessidade alimentar.

Na expressão "prazer de órgão" vêm condensar-se os traços que definem essencialmente, segundo Freud, a sexualidade infantil: "... ela surge apoiada numa função corporal de importância vital; não conhece ainda objeto sexual: é auto-erótica; a sua meta sexual é dominada por uma zona erógena" (1).

Em *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, 1916-17)*, Freud interroga-se longamente sobre a possibilidade de definir a própria essência da sexualidade através das manifestações cujo parentesco e continuidade com o prazer genital a psicanálise demonstrou. A definição destas manifestações como "prazer de órgão" é apresentada por Freud como uma tentativa dos seus interlocutores cientistas para definirem fisiologicamente os prazeres infantis, que Freud, por sua vez, designa como sexuais. Freud, nesta passagem, critica essa definição na medida em que redundaria em negar ou limitar a descoberta da sexualidade infantil. Mas, embora opondo-se a essa utilização polémica da noção, Freud torna-a sua de bom grado, na medida em que ela acentua a originalidade do prazer sexual infantil relativamente ao prazer ligado às funções de autoconservação. É assim que em *Pulsões e destinos das pulsões (Triebe und Triebchicksale, 1915)*, ele escreve: "De uma forma geral, podemos caracterizar do seguinte modo as pulsões sexuais: são numerosas, nascem de várias fontes orgânicas, começam por agir independentemente umas das outras e só mais tarde se reúnem numa síntese mais ou menos completa. A meta para que tende cada uma delas é a obtenção do prazer de órgão." (2)

(1) FREUD (S.), *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, 1905 (1915). G.W., V, 83; S.E., VII, 182-3; Fr., 76.

(2) FREUD (S.), G.W., X, 218; S.E., XIV, 125-6; Fr., 41.

PRÉ-CONSCIENTE

= *D.*: das Vorbewusste, vorbewusst. — *F.*: préconscient. — *En.*: preconscious.
— *Es.*: preconsciente. — *I.*: preconcio.

PRÉ-CONSCIENTE

● *Termo utilizado por Freud no quadro da sua primeira tópica. Como substantivo, designa um sistema do aparelho psíquico nitidamente distinto do sistema inconsciente (Ics); como adjetivo, qualifica as operações e conteúdos desse sistema pré-consciente (Pcs). Estes não estão presentes no campo atual da consciência e, portanto, são inconscientes no sentido "descritivo" (α) do termo (ver: inconsciente, B), mas distinguem-se dos conteúdos do sistema inconsciente na medida em que permanecem de direito acessíveis à consciência (conhecimentos e recordações não atualizados, por exemplo).*

Do ponto de vista metapsicológico, o sistema pré-consciente rege-se pelo processo secundário. Está separado do sistema inconsciente pela censura, que não permite que os conteúdos e os processos inconscientes passem para o Pcs sem sofrerem transformações.*

B) No quadro da segunda tópica freudiana, o termo pré-consciente é sobretudo utilizado como adjetivo, para qualificar o que escapa à consciência atual sem ser inconsciente no sentido estrito. Do ponto de vista sistemático, qualifica conteúdos e processos ligados ao ego quanto ao essencial, e também ao superego.

■ A distinção entre pré-consciente e inconsciente é fundamental para Freud. Sem dúvida ele se apoiou, numa intenção apologética, na existência incontestável de uma vida psicológica que transborda o campo da consciência atual, para defender a possibilidade de um psiquismo inconsciente em geral (1a); e, se tomamos inconsciente no sentido que Freud chama de "descritivo" — o que escapa à consciência —, a distinção entre pré-consciente e inconsciente desaparece. É por isso que ela deve ser compreendida essencialmente nas suas acepções tópica (ou sistemática) e dinâmica.

Desde cedo Freud estabelece a diferença durante a elaboração de suas considerações metapsicológicas (2a). Em *A interpretação de sonhos (Die Traumdeutung, 1900)*, o sistema pré-consciente está situado entre o sistema inconsciente e a consciência; está separado do primeiro pela censura, que procura barrar aos conteúdos inconscientes o caminho para o pré-consciente e para a consciência; na outra extremidade, comanda o acesso à consciência e à motilidade. Neste sentido podemos ligar a consciência ao pré-consciente; por isso Freud fala do sistema Pcs-Cs; mas, em outras passagens de *A interpretação de sonhos*, o pré-consciente e aquilo a que Freud chama o sistema percepção-consciência são francamente separados um do outro. Essa ambigüidade se basearia no fato de que a consciência não se presta muito, como Freud notou mais tarde, a considerações estruturais (ver: consciência) (1b).

Freud submete a passagem do pré-consciente ao consciente à ação de uma "segunda censura"; mas esta distingue-se da censura propriamente dita (entre Ics e Pcs) na medida em que deforma menos do que seleciona, visto que a sua função consiste essencialmente em evitar a vinda à consciência de preocupações perturbadoras. Favorece assim o exercício da atenção.

O sistema pré-consciente especifica-se em relação ao sistema inconsciente pela forma da sua energia (energia "ligada") e pelo processo que nele se realiza (processo secundário). Note-se, no entanto, que esta distinção não é absoluta; assim como certos conteúdos do inconsciente, como assinalou Freud, são modificados pelo processo secundário (por exemplo, as fantasias), também elementos pré-conscientes podem ser regidos pelo processo primário (restos diurnos no sonho, por exemplo). De modo mais geral, podemos reconhecer nas operações pré-conscientes, sob o seu aspecto defensivo, o domínio do princípio de prazer e a influência do processo primário.

Freud sempre reportou a diferença entre Ics e Pcs ao fato de a representação pré-consciente estar ligada à linguagem verbal, às "representações de palavras"*.

Acrescente-se que a relação entre o pré-consciente e o ego é evidentemente muito estreita. É significativo que, quando Freud introduz pela primeira vez o conceito de pré-consciente, ele o assimile ao "nosso ego oficial" (2b). E quando, com a segunda tópica, o ego é redefinido, embora o sistema pré-consciente não seja confundido com o ego que é em parte inconsciente, a verdade é que está naturalmente englobado nele. Por fim, na instância do superego, então definida, podemos pôr em evidência aspectos pré-conscientes.



A que corresponde a noção de pré-consciente na vivência do sujeito e, mais particularmente, na experiência do tratamento? O exemplo mais freqüentemente apresentado é o das recordações não atualizadas mas que o sujeito pode evocar. De um modo mais geral, o pré-consciente designaria o que está *implicitamente* presente na atividade mental, sem se situar por isso como objeto de consciência; é o que Freud pretende dizer quando define o pré-consciente como "descritivamente" inconsciente mas acessível à consciência, enquanto o inconsciente está separado da consciência.

Em *O inconsciente* (*Das Unbewusste*, 1915), Freud qualifica o sistema pré-consciente de "conhecimento consciente" (*bewusste Kenntnis*) (1c); são termos significativos que enfatizam a distinção com relação ao inconsciente: "conhecimento" implica que se trata de um certo saber quanto ao sujeito e ao seu mundo pessoal; "consciente" assinala que os conteúdos e processos, embora não-conscientes, estão ligados ao consciente do ponto de vista tópico.

A distinção tópica verifica-se do ponto de vista dinâmico no tratamento, especialmente por esta característica em que D. Lagache insiste: se a confissão de conteúdos pré-conscientes pode provocar *reticências*, que a aplicação da regra da associação livre tem por fim eliminar, o reconhecimento do inconsciente esbarra em *resistências*, também elas inconscientes, que a análise deve progressivamente interpretar e superar (entendendo, porém, que as reticências se baseiam a maioria das vezes em resistências).

PRÉ-EDIPIANO

▲ (α) Este termo de Freud não parece ter sido uma escolha muito feliz. De fato, mesmo detendo-nos apenas no plano da descrição e sem invocar distinções tópicas, podemos isolar diferenças entre o que é pré-consciente e o que é inconsciente. A expressão "inconsciente no sentido descritivo" designa sem discriminação o conjunto dos conteúdos e dos processos psíquicos que têm em comum apenas o caráter negativo de não serem conscientes.

(1) Cf. FREUD (S.), *Das Unbewusste*, 1915. — a) G.W., X, 264-5; S.E., XIV, 166-7; Fr., 92-3. — b) G.W., X, 291; S.E., XIV, 192; Fr., 139. — c) G.W., X, 265; S.E., XIV, 167; Fr., 94.

(2) Cf. FREUD (S.), *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, 1887-1902, carta de 6-12-1896. — a) Al., 185; Ingl., 173; Fr., 153. — b) Al., 186; Ingl., 174; Fr., 155.

PRÉ-EDIPIANO

= *D.*: prãoedipal. — *F.*: préoedipien. — *En.*: preoedipal. — *Es.*: preedípico. — *I.*: preedípico.

● **Qualifica o período do desenvolvimento psicosssexual anterior à instauração do complexo de Édipo; nesse período predomina, nos dois sexos, o apego à mãe.**

■ Este termo só aparece muito tardiamente, quando Freud é levado a precisar a especificidade da sexualidade feminina e, em especial, a insistir na importância, na complexidade, na duração da relação primária entre a menina e sua mãe (1a). Essa fase existe também no menino, mas é menos longa, menos rica em conseqüências e mais difícil de diferenciar do amor edipiano, visto que o objeto se mantém o mesmo.

Do ponto de vista terminológico, convém distinguir nitidamente os termos "pré-edipiano" e "pré-genital"* , freqüentemente confundidos. O primeiro refere-se à situação interpessoal (ausência do triângulo edipiano), e o segundo diz respeito ao tipo de atividade sexual em questão. É claro que o desenvolvimento do Édipo desemboca, em princípio, na instauração da organização genital, mas só uma concepção normativa pretende fazer coincidir a genitalidade e a plena escolha de objeto correlativa do Édipo. Ora, a experiência mostra que pode haver uma atividade genital satisfatória sem Édipo consumado, e também que o conflito edipiano pode ocorrer em registros sexuais pré-genitais.

Poderemos falar com rigor de fase pré-edipiana, isto é, de uma fase em que só existiria de forma exclusiva uma relação dual mãe-criança? A dificuldade não escapou a Freud, que observa que o pai, justamente quando predomina a relação com a mãe, está presente como "rival importuno"; segundo ele, poderíamos descrever os fatos de modo igualmente satisfatório dizendo que "... a mulher só atinge a situação edipiana positiva normal depois de ter superado um período prévio em que reina o complexo negativo" (1b) — formulação que aos olhos de Freud teria a vantagem de preservar a idéia de que o Édipo é o complexo nuclear das neuroses.

Podemos esquematicamente indicar que, a partir da sutil tese de Freud, abrem-se duas direções: ou acentuamos a exclusividade da relação dual

CONSCIÊNCIA (PSICOLÓGICA)

- A) *D.*: Bewusstheit. — *F.*: conscience psychologique. — *En.*: the attribute (ou the fact) of being conscious, being conscious. — *Es.*: el estar consciente. — *I.*: consapevolezza.
- B) *D.*: Bewusstsein. — *F.*: conscience psychologique. — *En.*: consciousness. — *Es.*: conciencia psicológica. — *I.*: coscienza.

● *A) No sentido descritivo: qualidade momentânea que caracteriza as percepções externas e internas no conjunto dos fenômenos psíquicos.*

B) Segundo a teoria metapsicológica de Freud, a consciência seria função de um sistema, o sistema percepção-consciência (Pc-Cs).

Do ponto de vista tópico, o sistema percepção-consciência está situado na periferia do aparelho psíquico, recebendo ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as provenientes do interior, isto é, as sensações que se inscrevem na série desprazer-prazer e as reviviscências mnésicas. Muitas vezes Freud liga a função percepção-consciência ao sistema pré-consciente, então designado como sistema pré-consciente-consciente (Pcs-Cs).

Do ponto de vista funcional, o sistema percepção-consciência opõe-se aos sistemas de traços mnésicos que são o inconsciente e o pré-consciente: nele não se inscreve qualquer traço durável das excitações. Do ponto de vista econômico, caracteriza-se pelo fato de dispor de uma energia livremente móvel, suscetível de sobre-investir este ou aquele elemento (mecanismo da atenção).

A consciência desempenha um papel importante na dinâmica do conflito (evitação consciente do desagradável, regulação mais discriminadora do princípio de prazer) e do tratamento (função e limite da tomada de consciência), mas não pode ser definida como um dos pólos em jogo no conflito defensivo (α).

■ *A teoria psicanalítica se constituiu recusando definir o campo do psiquismo pela consciência, mas nem por isso considerou a consciência como um fenômeno não essencial. Neste sentido, Freud ridicularizou a pretensão de determinadas tendências da psicologia: “Uma tendência extrema, como por exemplo a do behaviorismo, nascida na América, pensa poder estabelecer uma psicologia que não tenha em conta este fato fundamental!” (1a)*

Freud considera a consciência um dado da experiência individual que se oferece à intuição imediata, e não renova a sua descrição. Trata-se de “... um fato sem equivalente que nem se pode explicar nem se pode descrever [...]. No entanto, quando se fala de consciência, todos sabem imediatamente, por experiência, do que se trata” (1b).

Esta tese dupla — a consciência não fornece mais do que uma visão lacunar dos nossos processos psíquicos, pois eles são na sua maioria inconscientes; e não é de modo nenhum indiferente que um fenômeno seja ou não consciente — exige uma teoria da consciência que determine a sua função e o seu lugar.

CONSCIÊNCIA (PSICOLÓGICA)

Desde o primeiro modelo metapsicológico de Freud, estão presentes duas afirmações essenciais. Por um lado assimila a consciência à percepção, e vê a essência desta na capacidade de receber as *qualidades* sensíveis. Por outro lado, entrega a um sistema (o sistema ω ou W), autônomo em relação ao conjunto do psiquismo, cujos princípios de funcionamento são puramente quantitativos, essa função percepção-consciência: "A consciência nos dá aquilo a que se chama *qualidades*, sensações muito variadas de *diferença*, e cuja *diferença* depende das relações com o mundo exterior. Nesta diferença encontram-se séries, similaridades, etc., mas nada se encontra de propriamente quantitativo." (2a)

A primeira destas teses será mantida ao longo de toda a obra. "A consciência é, na nossa opinião, a fase subjetiva de uma parte dos processos físicos que se produzem no sistema neurônico, nomeadamente os processos perceptivos..." (2b) No fenómeno da consciência essa tese dá uma prioridade à *percepção*, e principalmente à percepção do mundo exterior: "O acesso à consciência está antes de mais nada ligado às percepções que os nossos órgãos sensoriais recebem do mundo exterior." (1c) Na teoria da prova de realidade*, verifica-se uma sinonímia significativa entre os termos índice de qualidade, índice de percepção e índice de realidade (2c). De início, existe uma "equação percepção-realidade (mundo exterior)" (1d). *A consciência dos fenómenos psíquicos* é também inseparável da percepção de qualidades: a consciência não é mais do que "... um órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas" (3a). Ela percebe os estados de tensão pulsional e as descargas de excitação, sob a forma das qualidades desprazer-prazer. Mas o problema mais difícil é colocado pela consciência daquilo a que Freud chama "processos de pensamento", entendendo por isso tanto a revivescência das recordações como o raciocínio e, de um modo geral, todos os processos em que entrem em jogo "representações"*.

Ao longo de toda a sua obra, Freud manteve uma teoria que faz com que a tomada de consciência dos processos de pensamento dependa da sua associação com "restos verbais" (*Wortreste*) (*ver*: representação de coisa, representação de palavra). Estes (em virtude do carácter de nova percepção que se liga à sua reativação — as palavras memoradas são, pelo menos em esboço, re-pronunciadas) (2d) permitem à consciência encontrar uma espécie de ponto de enraizamento a partir do qual a sua energia de sobreinvestimento* pode irradiar: "Para que seja conferida uma qualidade [aos processos de pensamento], estes são associados, no homem, às recordações verbais, cujos restos qualitativos são suficientes para atrair a atenção da consciência; a partir daí um novo investimento móvel se dirige para o pensamento." (3b)

Esta ligação da consciência com a percepção levou Freud a reuni-las a maior parte das vezes num sistema único, que ele chamou em *Projeto para uma psicologia científica* (*Entwurf einer Psychologie*, 1895) pelo nome de sistema ω , e que iria denominar, a partir dos trabalhos metapsicológicos de 1915, "percepção-consciência"* (Pc-Cs). A separação entre esse sistema e todos os que são lugar de inscrição de traços mnésicos* (Pcs e Ics)

fundamenta-se por uma espécie de dedução lógica numa idéia já desenvolvida por Breuer em *Considerações teóricas* (*Theoretisches*, 1895): "... um só e mesmo órgão não pode satisfazer estas duas condições contraditórias", restaurar o mais rapidamente possível o *statu quo ante* para poder acolher novas percepções e armazenar impressões para poder reproduzi-las (4). Freud completará mais tarde esta idéia com uma fórmula que pretende explicar a aparição "inexplicável" da consciência: "... ela aparece no sistema perceptivo em lugar dos traços duradouros" (5a).

★

A situação *tópica** da consciência não deixa de levantar dificuldades. Se, no *Projeto*, ela é situada "nos níveis superiores" do sistema, logo a sua junção íntima com a percepção fará com que seja colocada por Freud na periferia entre o mundo exterior e os sistemas mnésicos: "O aparelho perceptivo psíquico compreende duas camadas: uma externa, o pára-excitações, destinado a reduzir a amplitude das excitações que chegam de fora, e a outra, por trás desta, superfície receptiva de excitações, o sistema Pc-Cs." (5b) (*ver*: pára-excitações) Esta situação periférica prefigura a que é destinada ao ego; em *O ego e o id* (*Das Ich und das Es*, 1923) Freud vê no sistema Pc-Cs o "núcleo do ego" (6a): "... o ego é a parte do id que é modificada pela influência direta do mundo exterior através de Pc-Cs; de certo modo é uma continuação da diferenciação superficial" (6b) (*ver*: ego).

Do ponto de vista *económico**, a consciência não deixou de colocar um problema específico para Freud. Com efeito, a consciência é um fenómeno qualitativo despertado pela percepção das qualidades sensoriais; os fenómenos quantitativos de tensão e distensão tornam-se conscientes unicamente sob forma qualitativa. Mas, por outro lado, uma função como a atenção, eminentemente ligada à consciência com o que ela parece implicar de *mais* e de *menos* intensidade, ou então um processo como o acesso à consciência (*Bewusstwerden*), que desempenha um papel tão importante no tratamento, exigem uma interpretação em termos económicos. Freud apresenta a hipótese de a energia da atenção, que, por exemplo, "sobre-investe" uma percepção, ser uma energia proveniente do ego (*Entwurf*), ou do sistema Pc (*Traumdeutung*), e orientada pelos indicadores qualitativos fornecidos pela consciência: "A regra biológica da atenção enuncia-se assim para o ego: quando aparece um indicador de realidade, o investimento de uma percepção que está simultaneamente presente deve ser sobre-investido." (2e)

Do mesmo modo, a atenção que se liga aos processos de pensamentos permite uma regulação mais precisa destes do que a que é só fornecida pelo princípio de prazer. "Vemos que a percepção pelos nossos órgãos sensoriais tem como resultado dirigir um investimento da atenção para os caminhos ao longo dos quais se desdobra a excitação sensorial aferente; a excitação qualitativa do sistema Pc serve de regulador para o escoamento da quantidade móvel no aparelho psíquico. Podemos considerar que este órgão superior dos sentidos que é o sistema Cs funciona da mesma maneira.

CONSCIÊNCIA (PSICOLÓGICA)

Com a percepção de novas qualidades, ele contribui ainda para orientar e repartir de forma apropriada as quantidades de investimento móvel." (3c) (ver: energia livre—energia ligada; sobre-investimento)

Por fim, do ponto de vista *dinâmico**, podemos notar uma certa evolução quanto à importância atribuída por Freud ao fator consciência, quer no processo defensivo, quer na eficácia do tratamento. Sem querer refazer esta evolução, podemos indicar alguns de seus elementos:

1º Um mecanismo como o do recalçamento é concebido nos inícios da psicanálise como uma rejeição intencional ainda próxima do mecanismo da atenção: "A clivagem da consciência nestes casos de histeria adquirida é [...] uma clivagem voluntária, intencional, ou pelo menos muitas vezes introduzida por um ato de livre vontade..." (7)

Sabemos que a ênfase cada vez maior dada ao caráter pelo menos parcialmente inconsciente das defesas e da resistência que se exprimem no tratamento irá conduzir Freud à remodelação da noção de ego e à sua segunda teoria do aparelho psíquico.

2º Uma etapa importante dessa evolução é assinalada pelos escritos metapsicológicos de 1915, em que Freud enuncia que "... o fato de ser consciente, única característica dos processos psíquicos que nos é dada de forma imediata, não é de forma alguma capaz de fornecer um critério de distinção entre sistemas" (8a). Freud não pretende assim renunciar à idéia de que a consciência deve ser atribuída a um sistema, a um verdadeiro "órgão" especializado; mas indica que a capacidade de acesso à consciência não basta para caracterizar a posição tópica de determinado conteúdo no sistema pré-consciente ou no sistema inconsciente: "Na medida em que desejamos abrir caminho para uma concepção metapsicológica da vida psíquica, precisamos aprender a emancipar-nos da importância atribuída ao sintoma 'estar consciente'." (8b, β)

3º Na teoria do tratamento, a problemática da tomada de consciência e da sua eficácia permaneceu um tema primordial de reflexão. Convém aqui apreciarmos a importância relativa e o jogo combinado dos diferentes fatores que intervêm no tratamento: rememoração e construção, repetição na transferência e perlaboração, e finalmente interpretação, cujo impacto não se limita a uma comunicação consciente na medida em que conduz a remodelações estruturais. "O tratamento psicanalítico edifica-se sobre a influência do Cs no Ics, e mostra-nos em todo caso que esta tarefa, por mais árdua que seja, não é impossível." (8c) Mas, por outro lado, Freud enfatizou cada vez mais o fato de que não bastava comunicar ao doente a interpretação, mesmo que inteiramente adequada, de determinada fantasia* inconsciente, para induzir a remodelações estruturais: "Se comunicamos a um paciente uma representação que ele outrora recalçou mas que adivinhamos, isso em nada altera, primeiramente, seu estado psíquico. Antes de mais nada, isso não dissipa o recalçamento nem anula os seus efeitos..." (8d)

A passagem à consciência não implica por si só uma verdadeira integração do recalçado no sistema pré-consciente; deve ser completada por todo um trabalho que dissipe as resistências que impedem a comunicação

entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, e capaz de estabelecer uma ligação cada vez mais estreita entre os traços mnésicos inconscientes e a sua verbalização. Só no fim deste trabalho se podem juntar "... o fato de ter ouvido e o de ter vivido [que] são de natureza psicológica absolutamente diferente, mesmo quando o seu conteúdo é o mesmo" (8e). É o tempo da perlaboração* que permite essa integração progressiva ao pré-consciente.

▲ (α) O adjetivo *bewusst* significa consciente quer no sentido ativo (consciente de), quer no sentido passivo (qualidade do que é objeto de consciência). A língua alemã dispõe de vários substantivos formados a partir de *bewusst*. *Bewusstheit* = a qualidade de ser objeto de consciência, que propomos que se traduza por "o fato de ser consciente". *Bewusstsein* = a consciência como realidade psicológica e designando mais a atividade, a função (a consciência moral é designada por um termo inteiramente diferente: *das Gewissen*). *Das Bewusste* = o consciente designando mais um tipo de conteúdos, oposto aos conteúdos pré-conscientes e inconscientes. *Das Bewusstwerden* = o "tornar-se consciente" de determinada representação, que traduzimos por "acesso à consciência". *Das Bewusstmachen* = o fato de tornar consciente determinado conteúdo.

(β) Note-se, a propósito, que a designação dos sistemas na primeira teoria do aparelho psíquico está centrada na referência à consciência: *inconsciente*, *pré-consciente*, *consciente*.

(1) FREUD (S.), *Abriss der Psychoanalyse*, 1938. — a) G.W., XVII, 79, n; S.E., XXIII, 157, n.; Fr., 18, n. — b) G.W., XVII, 79; S.E., XXIII, 157; Fr., 18. — c) G.W., XVII, 83; S.E., XXIII, 161; Fr., 24. — d) G.W., XVII, 84; S.E., XXIII, 162; Fr., 25.

(2) FREUD (S.), *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, 1887-1902. — a) Al., 393; Ingl., 369; Fr., 328. — b) Al., 396; Ingl., 373; Fr., 331. — c) Cf. Al., 373-466; Ingl., 348-445; Fr., 307-96. — d) Cf. Al., 443-4; Ingl., 421-2; Fr., 375-6. — e) Al., 451; Ingl., 428-9; Fr., 382.

(3) FREUD (S.), *Die Traumdeutung*, 1900. — a) G.W., II-III, 620; S.E., V, 615; Fr., 500. — b) G.W., II-III, 622; S.E., V, 617; Fr., 502. — c) G.W., II-III, 621; S.E., V, 616; Fr., 501.

(4) Cf. BREUER (J.), *Theoretisches*, in *Studien über Hysterie*, 1895. Al., 164; S.E., II, 188-9, n.; Fr., 149-50, n.

(5) FREUD (S.), *Notiz über den "Wunderblock"*, 1925. — a) G.W., XIV, 4-5; S.E., XIX, 228. — b) G.W., XIV, 6; S.E., XIX, 230.

(6) FREUD (S.). — a) G.W., XIII, 251; S.E., XIX, 24; Fr., 178. — b) G.W., XIII, 252; S.E., XIX, 25; Fr., 179.

(7) FREUD (S.), *Studien über Hysterie*, 1895. G.W., I, 182; S.E., II, 123; Fr., 96.

(8) FREUD (S.), *Das Unbewusste*, 1915. — a) G.W., X, 291; S.E., XIV, 192; Fr., 139. — b) G.W., X, 291; S.E., XIV, 192; Fr., 139. — c) G.W., X, 293; S.E., XIV, 193; Fr., 141. — d) G.W., X, 274; S.E., XIV, 193; Fr., 141. — e) G.W., X, 274; S.E., XIV, 175; Fr., 109-10. — e) G.W., X, 275; S.E., XIV, 175-6; Fr., 110.

CONSTRUÇÃO

= D.: Konstruktion. — F.: construction. — En.: construction. — Es.: construcción.
— I.: costruzione.

● **Termo proposto por Freud para designar uma elaboração do analista mais extensiva e mais distante do material que a interpretação, e essencialmente destinada a reconstituir nos seus aspectos simultaneamente reais e fantasísticos uma parte da história infantil do sujeito.**

METAPSIKOLOGIA

Fr., 17. — *f*) Cf. G.W., V, 52; S.E., VII, 153; Fr., 38. — *g*) Cf. G.W., V, 107; S. E., VII, 205-6; Fr., 105-7.

(2) FREUD (S.), *Triebe und Triebchicksale*, 1915. — *a*) Cf. G.W., X, 214; S.E., XIV, 121; Fr., 33. — *b*) Cf. G.W., X, 215; S.E., XIV, 122; Fr., 34-5. — *c*) G.W., X, 218; S.E., XIV, 125-6; Fr., 41. — *d*) G.W., X, 216; S.E., XIV, 123; Fr., 36. — *e*) G.W., X, 225; S.E., XIV, 132-3; Fr., 53. — *f*) G.W., X, 220; S.E., XIV, 127; Fr., 43-4. — *g*) Cf. G.W., X, 219; S.E., XIV, 125-6; Fr., 41-2.

METAPSIKOLOGIA

= *D.*: Metapsychologie. — *F.*: métapsychologie. — *En.*: metapsychology. — *Es.*: metapsicología. — *I.*: metapsicologia.

● **Termo criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc.**

A metapsicologia leva em consideração três pontos de vista: dinâmico, tópico e econômico.

■ O termo *metapsicologia* encontra-se episodicamente nas cartas que Freud dirigiu a Fliess. É utilizado por Freud para definir a originalidade da sua própria tentativa de edificar uma psicologia "... que leve ao outro lado da consciência" em relação às psicologias clássicas da consciência (1a). Não podemos deixar de notar a analogia entre os termos metapsicologia e metafísica, analogia provavelmente intencional por parte de Freud, pois sabemos, pelo seu próprio testemunho, o quanto foi forte a sua vocação filosófica: "Espero que você queira dar atenção a algumas questões metapsicológicas [...]. Nos meus anos de juventude a nada aspirei tanto como ao conhecimento filosófico, e estou realizando esse voto, passando da medicina à psicologia." (1b)

Mas a reflexão de Freud sobre as relações entre a metafísica e a metapsicologia vai além desta simples aproximação; define a metapsicologia, numa passagem significativa, como uma tentativa científica de restaurar as construções "metafísicas"; estas, como as crenças supersticiosas ou certos delírios paranóicos, projetam em forças exteriores o que na realidade é próprio do inconsciente: "... grande parte da concepção mitológica do mundo, que se estende até as religiões mais modernas, nada mais é que *psicologia projetada no mundo exterior*. O conhecimento obscuro (por assim dizer, a percepção endopsíquica) dos fatores psíquicos e do que se passa no inconsciente reflete-se [...] na construção de uma realidade *supra-sensível*, que deve ser transformada pela ciência em *psicologia do inconsciente* [...]. Poderíamos assumir o compromisso [...] de converter a *metafísica* em *metapsicologia*" (2).

Muito mais tarde, Freud retomará o termo metapsicologia para apresentar uma definição exata: "Proponho que se fale de apresentação (*Dars-*

tellung) metapsicológica quando se conseguir descrever um processo psíquico nas suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas.” (3, α) Devemos considerar como escritos metapsicológicos todos os estudos teóricos que apelam para noções e hipóteses inerentes a estes três registros, ou será melhor designar assim os textos que mais fundamentalmente elaboram ou explicam as hipóteses subjacentes à psicologia psicanalítica — “princípios” (*Prinzipien*), “conceitos fundamentais” (*Grundbegriffe*), “modelos” teóricos (*Darstellungen, Fiktionen, Vorbilder*)? Neste sentido, há certos textos mais propriamente metapsicológicos que escalonam a obra de Freud, particularmente o *Projeto para uma psicologia científica* (*Entwurf einer Psychologie*, 1895), o capítulo VII de *A interpretação de sonhos* (*Die Traumdeutung*, 1900), *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (*Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, 1911), *Além do princípio do prazer* (*Jenseits des Lustprinzips*, 1920), *O ego e o id* (*Das Ich und das Es*, 1923), *Esboço de psicanálise* (*Abriss der Psychoanalyse*, 1938). Por fim, no ano de 1915, Freud concebeu e realizou parcialmente o projeto de escrever *Artigos sobre metapsicologia* (*Zur Vorbereitung einer Metapsychologie*) na intenção “...de esclarecer e aprofundar as hipóteses teóricas que se podem situar na base de um sistema psicanalítico” (4, β).

▲ (a) Aos pontos de vista tópico, dinâmico e econômico que Freud distinguiu, Hartmann, Kris e Loewenstein propuseram acrescentar o ponto de vista *genético* (*ver*: fases). David Rapoport ainda acrescentou o ponto de vista de *adaptação*.

(b) Cinco dos artigos previstos foram publicados, e outros sete teriam sido escritos e destruídos.

(1) FREUD (S.), *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, 1887-1902. — a) Carta de 10-3-98; Al., 262; Ingl., 246; Fr., 218. — b) Carta de 2-4-96; Al., 173; Ingl., 162; Fr., 143-4.

(2) FREUD (S.), *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, 1901, G.W., IV, 287-8; S.E., VI, 258-9; Fr., 298-9.

(3) FREUD (S.), *Das Unbewusste*, 1915. G.W., X, 281; S.E., XIV, 181; Fr., 121.

(4) FREUD (S.), *Metapsychologie Ergänzung zur Traumlehre*, 1915. G.W., X, 412, n. 1; S.E., XIV, 222, n. 1; Fr., 162, n. 1.

MOÇÃO PULSIONAL

= *D.*: Triebregung. — *F.*: motion pulsionnelle. — *En.*: instinctual impulse. — *Es.*: impulso instintual ou moción pulsional. — *I.*: moto pulsionale ou instintivo.

● **Expressão utilizada por Freud para designar a pulsão sob o seu aspecto dinâmico, ou seja, na medida em que se atualiza e se especifica num estímulo interno determinado.**

■ O termo *Triebregung* aparece pela primeira vez em *Pulsões e destinos das pulsões* (*Triebe und Triebchicksale*, 1915), mas a idéia por ele expressa é muito antiga em Freud. É assim que no *Projeto para uma psicologia*